

Entrevista a João Vieira, Guardião de Sementes

“Tem sido a minha ocupação e preocupação nos últimos 20 anos: preservá-las e transmiti-las a quem estiver interessado nelas.”

João Vieira, aos 79 anos, pratica uma agricultura de futuro, moderna, como base nos princípios da Agroecologia.

É agricultor, guardião de sementes, do património, da tradição e cultura portuguesa. Natural da Póvoa do Cadaval, dedicou-se ao movimento dos pequenos e médios agricultores na Associação de Agricultores do Distrito de Lisboa – AADL, filiada na CNA. Teve tarefas na CPE - Coordenadora Agrícola Europeia (1999 - 2005), na CEVC – Coordenadora Europeia Via Campesina e na Via Campesina Internacional.



Voz da Terra: Como define o tipo de agricultura que pratica?

João Vieira: Baseio a minha actividade agrícola no respeito pela terra, praticando um modelo de produção dentro do conceito de Agroecologia. Produzo com a preocupação de preservar a terra, as sementes e tirar da terra alimentos de qualidade. Estou convencido de que um dos maiores desafios da humanidade neste século XXI será o acesso a uma alimentação de qualidade, que exige que o que sai da terra tenha implícita essa qualidade.

VT: É um guardião de sementes de trigo antigo, como é feita a preservação?

JV: Agroecologia para mim é preservar as sementes antigas, que passaram os testes ao longo da história e que têm muito para nos dar. Tenho duas parcelas de trigos antigos: um campo de Trigo de Barbela e um campo com 5 variedades de trigos antigos (moles e rijos) misturados, que é a forma que tenho de os preservar, para futuramente os utilizar separadamente, se assim o entender. O que importa é preservar as variedades que estão em vias de extinção. Tem sido a minha ocupação e preocupação nos últimos 20 anos: preservá-las e transmitir o conhecimento a quem estiver interessado nelas.

VT: Porquê o Trigo de Barbela?

JV: A província da Estremadura, hoje Oeste, foi farta em trigos de muitas variedades. O Trigo de Barbela existe aqui depois de muitos séculos por uma razão muito simples: temos

terras arenosas, pouco férteis, neste sopé da serra de Montejunto, e o Barbela era o único que resistia aqui e dava o pão às pessoas.

Contudo, este trigo tem metade da produtividade de um trigo moderno e, também devido à baixa dos preços dos cereais, foi abandonado. Mas, houve um erro de consideração: é mais nutritivo e não necessita de herbicidas.

VT: Como traduz o modelo agroecológico na exploração?

JV: Existe uma cobertura vegetal que é enterrada e vai produzir matéria orgânica, não sendo necessário pôr adubos, pois é essa





matéria orgânica que vai produzir o alimento para o trigo da próxima colheita, e a terra fica limpa de ervas. Tudo isto está em equilíbrio. Ao fim ao cabo a terra deu erva e não impediu de dar trigo para nos dar pão.

VT: Está lançada a semente à terra. Quais são os próximos passos?

JV: Tenho um circuito integrado: produção de trigo de barbeta, moagem própria e pão. Quando chega o bom tempo ceifa-se e debulha-se. De seguida é a moagem e o moinho que disponho é movido com um motor eléctrico em mó de pedra. Tem de ser moído de forma artesanal, mó de pedra, porque se não (a industrial) desintegra o gérmen.¹

VT: A questão central do agricultor é incontornável: e o preço?

JV: Quem come este pão está disposto a pagar tudo isto e recebe em troca duas coisas: um pão com um valor nutricional com benefícios para a saúde, e contribui, ele mesmo, um cidadão que não está ligado à terra mas preocupado com o planeta, para preservá-lo sob a forma de uma seara de trigo.

Na agricultura moderna – agroecológica – terá de haver uma aproximação entre quem produz e quem consome. De qualquer maneira, a valorização dos produtos agrícolas passará pela venda directa, porque é muito difícil encontrar espaço nas grandes superfícies para colocar produtos da Agricultura Familiar.

VT: Qual poderá ser o papel do Estado na promoção de uma agricultura mais sustentável?

JV: Nos últimos anos, a governança tem-se preocupado em abrir espaço às multinacionais e entregar-lhes o sector. Não produzimos cá, vem de fora, segundo eles, mais barato. O problema é que vai hipotecar o futuro,

porque o que existia até aqui foi resultado da transmissibilidade geracional de avós para filhos e netos e isso já não está a acontecer. Actualmente uma ou duas grandes empresas tomam conta de tudo.

A solução passa pela manutenção de uma Agricultura Familiar numerosa em todas as regiões, com o objectivo de produzir a alimentação do povo, num quadro de soberania alimentar, preservando as sementes e o conhecimento.

VT: Em Agosto de 2017 foi publicado o Decreto-lei que consagra o Estatuto da Agricultura Familiar (EAF), mas a discussão ainda vai muito no início. O que tem a dizer sobre isto?

JV: A Agricultura Familiar terá de ser devidamente valorizada e reconhecida pelos consumidores, naturalmente com preços que compensem e remunerem a actividade agrícola, para que os agricultores continuem a prestar um serviço útil à sociedade, tanto do ponto de vista do fornecimento de alimentos de qualidade como também da preservação da natureza. Penso que está aqui a chave para esse futuro. Não é preciso inventar, é ir buscar o que já se fez, e foi abandonado.

No EAF são anunciadas as grandes linhas para que isso aconteça, agora é pôr em prática e o tempo será o grande mestre.

Os desastres da adesão ao mercado comum

A agricultura portuguesa enfrentou dois grandes desastres: as consequências da adesão à CEE, onde entrou em confronto com agriculturas do norte da Europa com uma estrutura muito elevada de produção, e a integração da Agricultura na OMC, em que as nossas produções passaram a estar confrontadas com a concorrência internacional. Situação agravada com os chamados tratados de livre comércio. Mas não de comércio livre, porque é um espaço reservado exclusivamente para as multinacionais.

No trigo, especificamente, produzimos apenas para alguns dias do ano: primeiro porque desapareceu a empresa pública de abastecimento de cereais e os agricultores ficaram sem um espaço para escoar os seus produtos e depois, com a liberalização dos mercados, passamos a importar trigos a preços que não permitem produzir trigo em Portugal a esse preço.

¹ Embrião do grão de trigo e sua parte mais nobre, já que é ali onde fica concentrada a maioria dos nutrientes do cereal. Fonte de vitamina E, é um poderoso antioxidante que previne o envelhecimento das células e contribui para o aumento da imunidade.